

SABRINA VIQUE

A OUTRA METADE DE STHELA

Quando a solidão, a perda repentina e a tristeza repousam no coração do inconsolável Cato, o mundo se enche de ecos de amor, dor e tudo aquilo que um coração partido ainda tenta guardar.



A OUTRA METADE DE STHELA

Um conto de
SABRINA VIQUE



NOTA DA AUTORA



Esta nota é mais que uma apresentação de minha persona escritora a vocês, minhas caras leitoras e meus caros leitores. O conto *A Outra Metade de Sthela* surgiu do mais completo nada, em um dia em que, de fato, eu não estava fazendo nada de muito interessante. Para falar a verdade, as melhores histórias sempre surgem nos momentos de melancolia ou tédio.

A história em questão vai além das linhas, parágrafos e vírgulas usadas. Pois, de forma um tanto lisonjeira, reflete os meus mais profundos pensamentos como alguém no mundo que tenta compreender a perda, a morte e o vazio deixado pela ausência de uma pessoa querida.

Nunca perdi alguém tão próximo a ponto de saber o inferno que seria passar por isso. Mas o charme presente em nós, escritores, está exatamente em dar vida ao caos — ou demonstrar, através das palavras, os sentimentos mais profanos e terríveis da experiência humana, como o luto, por exemplo. Damos forma a lugares que nunca visitamos ou tivemos o prazer (ou desprazer) de conhecer.

Damos voz a personagens que, antes de verem a luz do dia por meio de vocês, só existiam nas nossas mentes, sonhos e coração. Criamos situações, lugares, inquietações da vida cotidiana e até mesmo medos e distrações para compor a vida fictícia desses personagens.

Com a nossa criatividade, que na maioria das vezes nos acompanha em nossos afazeres corriqueiros, envolvemos nossos personagens — tão amados e queridos para nós — em situações catastroficamente desconcertantes e difíceis. Cato, por exemplo, se encontra em um limbo infinito de dor e tristeza. Como sua criadora, isso parte o meu coração. No entanto, é isso que nós, escritores, fazemos. Como foi dito anteriormente: damos vida ao caos. E o caos, sem sombra de dúvidas, compõe uma parte, mesmo que ínfima para algumas pessoas, da nossa vivência humana.

Estou muito contente por poder finalmente apresentar ao mundo um pouco dos meus pensamentos e das histórias e personagens tão queridos, que rodeiam as bordas do meu coração de escritora. Vocês fazem o meu dia mais leve, e os momentos mais relaxantes são aqueles em que tenho um tempinho com vocês.

Sendo assim, dedico este conto à minha querida Sthela — essa personagem tão amada —, ao Cato, que mesmo diante de todo sofrimento não se perde em si, e, por último, mas não menos importante, aos meus leitores e leitoras.

Lembre-se: se algum dia a solidão apertar e você sentir que está vivendo o pior dia da sua vida... pare, pense e respire. Pois, sem sombra de dúvidas, um novo dia irá chegar — e o sol, com toda certeza, vai brilhar.

O sol vai brilhar para você. Não desista!

*Nenhum homem é uma ilha isolada; cada
homem é uma partícula do continente, uma
parte da terra; se um torrão é arrastado para
o mar, a Europa fica diminuída, como se
fosse um promontório, como se fosse a casa
dos teus amigos ou a tua própria; a morte de
qualquer homem diminui-me, porque sou
parte do gênero humano. E por isso não
perguntas por quem os sinos dobram; eles
dobram por ti.*

- John Donne



Um dia tão solitário. Não deveria existir. É um dia o qual nunca sentirei falta. Um dia tão solitário. E ele é meu. O dia mais solitário da minha vida.

- System Of A Down.



Me responda uma pergunta quando a gente finalmente se encontrar?

Porque você tinha que morrer tão cedo, Sthela?

Você era a minha heroína, sabia? Todas às vezes que eu olhava para você, imaginava que poderia facilmente salvar o mundo, se algum dia tivéssemos o azar de sermos atacados por alienígenas ou qualquer baboseira assim.

Desculpa os pensamentos intrusivos — eu nunca fui muito inteligente, acho.

Não como você.

Por favor... se o universo, Deus ou alguma força maior nos desse a chance de nos encontrarmos uma última vez, você poderia me dizer por que teve que partir?

Não consigo entender. Não consigo aceitar.

Perdão. Não consigo.

Verdade seja dita, não suporto o peso da solidão e a dor da inquietação que é viver o resto da vida sem a sua presença. Carrego no peito um medo colossal, pois temo o dia que esquecerei o timbre suave da sua voz, o formato delicado e perfeito do seu rosto ou de como era fissurada por *Go* ou literatura clássica brasileira.

Então, se algum dia a gente finalmente se encontrar — e eu quero acreditar que estará com a saúde perfeita, o semblante brilhante de quem carrega um raio de sol no sorriso deslumbrante que sempre exibía —, talvez você possa tentar me fazer entender.

Mas, saiba: quero vê-la de novo, querida Sthela.

Porque eu juro, tento não esquecer de você, mas é difícil.

— Cara, vai demorar muito aí? Tá frio aqui.

Antônio interrompe meus pensamentos e eu tento não me irritar. Ele faz isso com frequência.

— Desculpa, Cato. Mas, cara, tá frio pra caramba! São Paulo não brinca, nessa época do ano. A gente vai pegar um resfriado.

Eu o encaro com um olhar fulminante.

— Tô só falando, *Cato*... Não pode é?

O ignoro. Continuo apenas em silêncio observando a lápide dela.

Só resta isso de você?

Que merda é o fim da vida.

Você se transformou em nada menos que um pedaço de pedra no exterior e madeira no interior, coberta por terra?

Logo você, Sthela?

Não... você não merecia nada disso.

Antônio encosta o corpo no meu e fala baixinho com uma voz áspera e calma:

— Você está encarando esse túmulo há horas, *Cato*.

Dou um suspiro e toco a lápide com reverência segurando o choro.

— Eu sei que ela era *tudo* pra você. Mas, tem que superar. *Ela se foi*.

Ah, merda! Merda! Merda!

Você não disse isso, né?

Praguejar na mente é melhor que em voz alta. Então eu tento me policiar e falar só no meu subconsciente.

— *Ela se foi?* — repito, e minha voz sai mais alta do que eu pretendia.

— Caramba, Antônio! De todas as coisas no mundo que você tinha pra falar, você abriu a boca justamente pra dizer isso?

Meu amigo arregala os olhos verdes e sua expressão se transforma num misto de susto e pena.

Antonio tem pena de mim.

Talvez porque ele ainda tem Joana e Joana o tem.

Ou então, só não esperava que eu abrisse a boca para finalmente dizer alguma coisa. Eu nunca dizia nada mesmo, afinal. Mas, quando Sthela se foi, acho que levou metade de mim ou deixou metade dela, eu não sei.

A única certeza que tenho agora é a de que não sou o mesmo.

— Cara... me desculpa eu... é só que... — gagueja, tentando apaziguar a situação.

— Não!

— Cato... me desculpa.

— Só sai, *Antônio!* — grito.

Ele prende a respiração.

— Por favor, me deixa. Quero ficar aqui sozinho.

— Cato...

— Antônio... — suplico, e as lágrimas caem, molhando meu rosto. — Me deixa lamentar a morte da única pessoa que eu já amei. Me deixa sofrer por não a ter comigo, *por favor?* Quando o câncer comia cada parte dela por dentro e eu a via perder as forças, tentava de alguma forma trazer esperança para ela. Eu sou um lixo por não conseguir fazer nada por Sthela!

Antônio me observa varrendo o meu rosto com os seus olhos verdes brilhantes.

— Mas, sabe qual é a pior parte de tudo?

Foi uma pergunta retórica, mas mesmo diante de algo tão explícito, Antônio ainda assim balança a cabeça, afirmando que não... Não sabia.

— *Eu tinha certeza!* — esbravejo.

Antônio esbugalha os olhos cor de esmeralda e minha voz agora está embargada e estranha demais.

— Eu sabia, no fundo da minha alma, que ela morreria. Sthela sentia tanta dor e eu não pude ajudá-la.

— Eu sinto muito — diz, com os olhos fixos na lápide.

— Eu também. Tá vendo o quanto eu sinto? — pergunto.

— Tô sim.

O céu está cinza e a previsão do tempo alertou mais cedo que iria chover. Ainda não chovia e nem eu acreditava muito em previsões. Como eu disse, não sou lá muito inteligente.

— Ela não sentia prazer em ler — murmuro.

Antônio me encara com os olhos tristes.

— Quando a sua luta contra o câncer já estava quase chegando ao fim, em uma de suas crises, eu a observava do sofá enquanto ela lia, tentando

ignorar a dor que sentia. Em um determinado momento eu cochilei e fui despertado com Sthela aos berros porque estava sentindo muita dor. Ela estava tão irritada e nervosa que não sei de onde tirou forças para rasgar um livro da Clarice Lispector que venerava. Sthela o deixou aos frangalhos.

Antônio abre a boca de forma mecânica e depois fecha novamente.

Ficou sem palavras?

É, eu sei. Também ficaria se estivesse no seu lugar.

Esfrego as minhas unhas na lápide de Sthela e a fricção delas em contato com o granito me dá arrepios na espinha, nos pelos do braço, no corpo todo.

Sthela, Sthela, Sthela... Aquela frase gravada na pele do seu pulso nunca fez tanto sentido: “*Nunca mandes perguntar por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.*”

Seu sofrimento, sua morte e a forma como você partiu me afetaram de modos que nem consigo mensurar.

Meus sinos dobram, se contorcem, se derretem por você.

Saiba que me afeta, Sthela. E talvez não mude nunca.

Estou adoecendo, acho.

Observo a sua lápide mais uma vez e meu coração fica apertado, em desespero.

— *Amo você* — sussurro para o nada. — Sinto sua falta.

— Até a próxima, Sthelinha.

Antonio também se despede e seus olhos estão perdidos.

— Vamos, Cato!

Não me movo.

Eu o ouço chamar meu nome mais uma vez, porém meus pés parecem chumbos.

— Vamos, cara! *Cato?* Vamos! Tá frio...

Ok. Ok. Só respira e se movimenta, Cato! Faz qualquer coisa, seu esquisitão!

Ele aproxima o corpo do meu por segundos, acho que para me esquentar e então nos afastamos do túmulo de Sthela. Sinto um peso de toneladas no peito e nunca foi tão difícil puxar o ar até o final. Estou adoecendo de verdade. A solidão é o prelúdio da minha doença infame.

— Eles estão se livrando das coisas dela, Antônio — confidencia com uma voz áspera. Minha garganta dói, acho que de tanto engolir o choro.

— Hein?

— A família de Sthela... eles... estão jogando tudo dela fora — sussurro. Meus olhos marejam de novo. *Agora só sei chorar? É só o que sei fazer?*

— Tentei proteger a coleção de livros dela com *unhas* e dentes, literalmente, mas eles me bateram, Antônio!

— Que droga é essa? — esbraveja e seu bigode longo se curva de forma estranha. — Como podem ter batido em você, Cato?

Balanço a cabeça. Não tenho forças para comentar ou falar mais nada. Quando lembro das coisas de Sthela sendo jogadas fora, tenho vontade de desaparecer no espaço-tempo. Sinto o desejo desesperador de cavar um buraco e não sair de lá nunca mais.

— Eles não me querem lá. Dizem que eu os faço lembrar dela.

Sinto que vou desmoronar.

— Cato... não tem que passar por isso...

— É meu lar também! Cresci lá. Como posso não me importar em ser mandado embora, em ser abandonado? Sthela nunca iria querer isso. Eles não percebem?

— Estão cegos de tristeza, Cato.

Eu o encaro com uma expressão de raiva.

— Não me olhe assim.

Ele pensa um pouco mais antes de falar, dessa vez.

— As pessoas têm maneiras diferentes de lidar com o luto — pontua.

— Se existem formas diferentes de lidar com o luto, nem de longe essa que estão utilizando é a correta — rebato. — Estão cuspidos no túmulo de Sthela! Maculando a sua memória! *Eu os odeio!* Odeio eles por não respeitarem as vontades da própria filha. *Da única filha.*

— Ela te queria lá.

Não é uma pergunta. Antonio está afirmando, porque ele, melhor que ninguém, tinha ciência da minha relação com ela.

— Sim. Mas, a vontade dela não importa. Não quando está morta. Sou menos que lixo, pra eles. Não posso voltar lá.

Engulo em seco tentando me livrar de mil nós que entopem a minha garganta.

— Eles vão me enxotar, deixaram claro isso. Não tenho mais um lar.

— Isso chega a ser baixo em um nível estratosférico. É sujo, doentio demais, *Cato*.

Antônio solta um ar que nem eu havia percebido que ele estava prendendo.

— Toda essa situação me enoja.

Ele aproxima o corpo do meu mais um pouco e sinto uma vontade imensa de chorar, mas me contenho. Empurro a dor, o ódio que estou sentindo para o fundo da minha alma. Tranco a sete chaves a porta.

— Eu sei — respondo, aquiescendo com a cabeça.

Andamos com pressa, sigo Antonio sem saber ao certo como agir ou o que dizer. Então, fico calado. Afinal de contas, sou o Cato. Aquele que sempre foi mais acanhado e nunca disse muitas coisas.

Cato. Cato. Cato.

Sthela que me chamava assim, a partir daí o nome pegou. Com essa histeria de troca de letras, quando criança, confundiu as consoantes. Os pais não reclamaram ou trocaram o nome, então ficou assim: *Cato*. Ou como ela gostava de dizer enquanto lia, fazendo carinho na minha cabeça: *Cato Catinho...*

Ouçõ a sua vozinha doce de quando criança no fundo da minha mente cansada:

— *Cato? Catinho... o que vamos ler agora? Pode ser Orgulho e Preconceito? Você vai gostar! Você gosta de histórias de romance, certo? Você tem um rosto romântico... Vamos ler esse, então!*

Uma garotinha de oito anos que lê romances clássicos ingleses? Eu disse que ela era inteligente. Sempre foi avançada para a sua idade.

A previsão do tempo estava certa, como era de se esperar. Um sereno fino começa a ganhar forma e Antonio corre em direção à saída do cemitério. Eu sigo em seu encalço. Está muito frio.

Entretanto, não sinto nada.

— Onde vai ficar, Cato?

Seus grandes olhos verdes me estudam. Deve estar tentando descobrir o que se passa na minha cabeça.

— Cato... tem para onde ir?

— Não, não tenho — respondo, meio sem graça.

— Como eles podem ter feito isso com você? — indaga, consternado.

— É. Me *fiz e faço* a mesma pergunta. Nada do que eu disse adiantou, sabia? Eles não me ouviram em nenhum momento. Não se deram ao trabalho. Ah, eles também não se desculparam por terem me batido e me enxotado de lá.

Minha vida parece uma piada sem graça.

— Cato.

Meus olhos estão embaçados e eu sinto que a qualquer momento posso desaparecer no meio dessa massa grudenta e asquerosa que se transformou a minha tristeza.

Estou doente mesmo.

— Esquece essas pessoas e essa casa que você cresceu. *Esquece tudo!* A única que amava você de verdade não está mais lá. Eles não te merecem.

Estou me afogando em minhas próprias lágrimas e tristeza. Me sinto tão exausto que é difícil respirar.

— Olha pra mim, Cato — exige Antônio, e eu não tenho forças sequer para isso. Chorar se transformou no meu mais novo talento. — *Amigo, olhe pra mim.*

Eu o encaro. Não digo nada. Apenas o observo e respiro com uma certa dificuldade.

Estou congelando.

Nós dois estamos.

— Aquelas pessoas não te merecem. Sthela, sim, era gentil e doce. *Amava você.*

Apesar do frio que nos assola, meu coração, em contrapartida, fica quentinho. Antônio continua:

— Joana pode te acolher. Eu juro que ela não vai se importar se você voltar comigo. Ela é como Sthela. Pode aprender a te amar também.

— Eu não acho uma boa ideia... eu não... — gaguejo, envergonhado e Antonio sorri.

— Juro para você — diz, cruzando os dedos e levando-os aos lábios para beijar.

— Tudo bem — concordo, e ele sorri mais ainda.

— Você não merece passar por nada disso.

— Eu sei. Eu acho que se vale de alguma coisa, tentei me justificar para eles. Tentei mostrar que era um desejo de Sthela que eles ficassem comigo. Mas, eles pareciam não me ouvir! Ficavam gritando e tentando me assustar... eu...

— Odeio ver você passar por isso — declara, inclinando a cabeça.

Meu melhor amigo me olha nos olhos mais uma vez e suas pupilas dilatadas me atingem como adagas afiadas.

— Eles não te querem lá; talvez nunca quiseram e só aceitaram porque Sthela intercedeu a seu favor. Cato, não importa! Nada do que você diga vai fazê-los amar você ou enxergá-lo como alguém que merece ser benquisto e acolhido. A verdade é que só empurraram você goela abaixo. Eles não conseguem ouvir você, Cato — nem que você tente convencê-los. Para nos entender, é necessário que se abra uma porta no coração, muito estreita e escondida, e nem todos têm capacidade para isso.

Seus olhos brilham e eu limpo as lágrimas que encarcham meu rosto.

Antonio tem razão.

Eles não me ouviam antes e tampouco me ouvem agora.

Estão cegos e surdos demais.

Não importa o quanto eu diga que sinto muito pela morte de sua filha. Não importa o quanto eu lamente e implore para ficar na casa que um dia foi meu lar ou suplique para me aceitarem. *Nunca iriam me entender.*

Eu ouvi as últimas palavras de Sthela e estive ao seu lado na hora de sua morte. *Eu*, não eles. Talvez seja exatamente isso que os irrite.

A última lembrança que tenho de Sthela é o seu último suspiro e *isso* corrói cada centímetro do meu corpo. Paulatinamente estou me afogando numa tristeza sem precedentes. Será que os pais de Sthela não percebem o quanto estou definhando?

Não... São egoístas o bastante para não verem um palmo a frente do nariz.

A voz da mãe de Sthela agora ecoa clara em meus ouvidos, infernizando-me, *adoecendo-me*.

— *Cato? Cato? Onde você está?*

Eu estava escondido no guarda-roupa de Sthela, me sentindo assustado demais para enfrentá-la, desafiá-la ou fazer qualquer coisa que fosse para melhorar a nossa relação.

— *Você é uma desgraça! Maldito o dia que te trouxe para dentro da minha casa! Odeio você! Você é uma praga! Detesto o fato de Sthela ter estado sempre com você quando estava doente!*

Sthela preferia ficar comigo em vez de ficar com os pais.

Ela sentia, *sabia* no fundo, de sua alma perfeita, que eu a entendia. Sempre dizia que eu era sua outra metade.

Eu, Cato, sou a outra metade de Sthela e, *Deus*, como isso me alegra e me machuca ao mesmo tempo.

— *Detesto tudo em você! Cato, te odeio, seu animal!*

Essas palavras... Nada disso me machuca. Não como a perda de Sthela. Ok.

Não me importo com mais nada agora. Nem mesmo com a realidade de que eles não me compreendem. O fato é que são tantos os motivos que não cabem aqui. Mesmo que eu explique, grite até minhas cordas vocais virarem sopa ou até meu crânio explodir por tamanha ser a força com que estou berrando — *nunca vão me ouvir*. Não importa as explicações ou o quanto sou meticoloso com as palavras.

Nunca vão dar ouvidos ao Cato.

Ou melhor, nunca ouvirão ou entenderão O Gato.

Porque é exatamente isso que eu sou: Gato, Cato, Gatinho, Catinho... Sou um gato, um animal que eles não compreendem, porque não se permitem, não como Sthela. A cada vez que eu abro a boca para falar, não entendem nada. Cada vez que tento me expressar, não me compreendem como ela.

Só conseguem ouvir: *Miau. Miau. Miau...*

Para eles, não passo de um animal.

E agora me sinto preso em um limbo infinito de tristeza, aguardando ansiosamente por alguém que nunca vai voltar. Quando chamo por ela, só escuto o silêncio — e isso dói mais do que qualquer miado que eles nunca vão entender.



Silvia